



Câmara Municipal de Marechal Cândido Rondon

Estado do Paraná

PARECER JURÍDICO **PROJETO DE LEI Nº 20/2022**

Conforme previsão na Lei Orgânica do Município e decisão do Supremo Tribunal Federal, é possível que o Poder Legislativo denomine as ruas e próprios deste Município.

Foi encaminhado o presente projeto a esta Procuradoria no sentido de verificar se atende aos requisitos legais.

A presente proposição do nobre vereador Vanderlei Caetano Sauer, pretende denominar a Rodovia Municipal que liga a sede do Distrito de Margarida até a divisa com o Município de Toledo de Rodovia Municipal Osvaldo Francisco Horn.

A matéria vem disciplinada na Lei Orgânica Municipal, no respectivo artigo:

Art. 14 – Cabe à Câmara, com a sanção do Prefeito, legislar sobre as matérias de competência do Município, especialmente no que se refere:

XII – alteração de denominação de próprios, vias e logradouros públicos;

O projeto veio acompanhado de mensagem e exposição de motivos, afirmando em suma que:

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Município de Marechal Cândido Rondon e região pelo agricultor e pioneiro Osvaldo Francisco Horn, entendemos seja justa homenagem nominar a referida rodovia com o nome do pioneiro.

Osvaldo Francisco Horn nasceu no interior do município de Estrela no Rio Grande do Sul em 03 de agosto de 1926.

Vindo do Rio Grande do Sul firmou residência na localidade de São Cristóvão, interior de Marechal Cândido Rondon, no ano de 1963, onde com sua família trabalhou na agricultura e suinocultura até a data de seu falecimento em 20 de dezembro de 2007 aos 81 anos.

Sua família continua trabalhando na localidade onde tem como atividade principal a suinocultura e produção de grãos.

Casou-se com a senhora Albertina Sidônia Ely ainda no Rio Grande do Sul, tiveram 10 filhos, sendo: Laire Regina, Elemar Aloísio, Marisa Lúcia, Verner Miguel, Silvia Maria, Edemar Otávio, Liria Terezinha, Euclides Ernane, Antônio Osmar e Alberto Oscar, este último em memória, atingido por um raio em 1990, momento muito difícil para toda a família.

Sempre muito ativo na comunidade, Osvaldo faleceu aos 81 anos, deixando um grande legado de ensinamentos e exemplo de vida para todos.

No que consiste a denominação de logradouros, este não poderá atribuir nome de pessoas vivas, ou seja, não seria razoável, por ferir a impessoalidade, denominar uma Rua com o nome de alguém vivo, tal ato poderia configurar promoção pessoal. Neste sentido rege a Lei nº 6.454/77:

Art. 1º. É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da Administração indireta.



Câmara Municipal de Marechal Cândido Rondon *Estado do Paraná*

Neste quesito ao que tudo indica o homenageado já é falecido, portanto, conforme disposto na legislação, em especial, a impessoalidade na matéria, deve se ater o cuidado de não atribuir homenagem a pessoa em vida.

No mérito, o STF já fixou a competência concorrente do Poder Executivo e Legislativo para denominar vias e logradouros:

a existência de uma coabitação normativa entre os Poderes Executivo (decreto) e o Legislativo (lei formal), para o exercício da competência destinada a ‘denominação de próprios, vias e logradouros públicos e suas alterações’, cada qual no âmbito de suas atribuições. [RE 1.151.237, rel. min. Alexandre de Moraes, j. 3-10-2019, P, DJE de 12-11-2019, Tema 1070.]

Quanto aos bens públicos cabe tecer algumas considerações sobre bem de uso comum do povo, bem de uso especial e bem dominical. Sendo que os dois primeiros têm destinação pública, enquanto os dominicais não têm finalidade pública.

Bens de uso comum do povo são bens que todos podem usar; destinam-se à utilização geral pelos indivíduos (...) por exemplo, ruas, praças, mares, praias, rios, estradas, logradouros públicos, além de outros (...) Enquanto que os bens de uso especial (...) são os destinados especialmente à execução dos serviços públicos e, por isso mesmo, considerados instrumentos desses serviços. É o aparelhamento material da Administração para atingir os seus fins. Por exemplo, prédios das repartições ou escolas públicas, terras dos silvícolas, mercados municipais, teatros públicos, cemitérios, museus, aeroportos, veículos oficiais, navios militares, etc. E os bens dominicais (...) São os que pertencem ao acervo do poder público, sem destinação especial, sem finalidade pública, não estando, portanto, afetados. (...) São exemplos: as terras sem destinação pública específica, as terras devolutas, os prédios públicos desativados, os bens móveis inservíveis e a dívida ativa.¹

Por fim, do ponto de vista da conveniência, não cabe a esta Procuradoria substituir o legislador, devendo este sempre se pautar no interesse público e nos princípios que regem a Administração, não devendo a matéria trazer qualquer interesse que não o coletivo.

Diante o exposto, desde que atendido ao interesse público e não afronta a matéria aos princípios da administração, em especial a moralidade e impessoalidade, não encontramos obste na aprovação da matéria.

Este é o parecer, *s.m.j.*, que ora subscrevo².

Marechal Cândido Rondon/PR, 03 de maio de 2022.

VICTOR EDUARDO BERTOLDI BOFF
Procurador Jurídico
OAB/PR 41.452

¹ MARINELA, Fernanda. *Direito administrativo*. 4ª ed. Editora Impetus, 2010. p. 750-751.

² Parecer manifestado segundo a convicção deste Procurador, o qual não é vinculativo, podendo a Administração adotar a solução que melhor resguarde o interesse público.